Ano I — Lisboa, 1 de Dezembro de 1945 — N.º 9

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94
dos Escoteiros de Portugal

BI-TRIMESTRAL

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

A Restauração de Portugal!

Calou muito bem no meu coração de patriota a alegre e bem desvanecedora notícia de que os valorosos rapazes do bom jornal «*Sempre Pronto*», pretendiam publicar em 1 do próximo mês de Dezembro um número especial comemorativo do 305.º aniversário da Restauração de Portugal.

É que embora Portugal tenha muitas datas históricas que pelo seu alto significado nos enchem de bem justificado orgulho, o 1.º de Dezembro é, em minha opinião, uma data das mais gloriosas, das que mais falam à sensibilidade do nosso Povo, dêste bom Povo que tão nobremente tem desempenhado a sua missão no Mundo Civilizado, no qual ocupa um bem merecido lugar de destaque.

A mísera e bem vergonhosa situação de Portugal nos longos e intermináveis 60 anos que vão de 1580 à gloriosíssima manhã de 1 de Dezembro de 1640, conseguiu o ambicionado milagre da união de todos os Portugueses dignos dêsse nome.

É nas horas de angustiosa incerteza, nas horas de opressão e de terror que os povos se unem e mostram quanto valem!

Quero acreditar que muitos dos portugueses que contribuíram para que Portugal caísse nas mãos de Filipe II de Espanha, o fizeram inconscientemente e sem medirem as tristes e bem trágicas conseqüências dêsse desvario, mas isso mesmo nos leva à convicção de que, quando estão em jôgo os altos interêsses da Pátria, devemos calcar todos os ressentimentos, esquecer possíveis agravos e desentendimentos, dando sòmente ouvidos à voz da Razão, do Direito e da Justiça.

Não vou dizer o que foram êsses 60 anos de martírio para um povo brioso e sempre amante da Liberdade, dessa Liberdade que êle ama tanto ou mais que a luz dos seus olhos, nem tampouco pretendo citar os nomes dos maus portugueses que por divergências políticas, por falsa noção das coisas, por cobardia moral ou por vil traição nos levaram à tristíssima situação de vassalos dos espanhóis; quero sòmente apontar à meditação de todos nós, essa bem dura lição da história.

Nos últimos tempos têm aparecido alguns livros cujos autores nos apresentam os 60 anos de cativeiro como um facto natural, como uma conseqüência lógica e natural dos tratados ou convenções internacionais.

A minha sensibilidade de português de uma só fé, de uma só face, leva-me a repelir enojado êsses choros de hiena esfaimada. Nunca um português digno dêsse nome poderá aceitar como boas essas palavras, pois que a verdade histórica está bem à vista, e é só esta: Portugal foi entregue aos espanhóis por um rei odiento, demente, rancoroso e falso como Judas, e pela camarilha de bem triste memória. O resto que se disser é falso, é indigno de ser proferido ou escrito por pessoas de bem. Mas voltemos ao assunto.

Depois dessa vergonhosa traição... sucedeu o que era natural. Todos os portugueses honrados e patriotas sentiram, não só o pêso do chicote do usurpador, como —e isso mais os magoava—a perseguição, o ódio e a delação de todos os portugueses traidores a sôldo da Espanha. Porém, quanto maiores eram as perseguições, quanto mais o povo sofria, maior era o entusiasmo pela libertação da Pátria.

(Continua na 1.ª coluna da 2.ª página)

FOI ASSIM MESMO...

Cenas da Vida Escotista

Em carta,—por sinal muito amável—, um anónimo em referência ao nosso último artigo inserto nestas colunas, envia-nos os nomes dos restantes componentes da «escassa meia dúzia» que actuou em 5 de Dezembro de 1917, meia dúzia que... aumentou para oito. Êsses nomes aqui ficam como verdadeira e sincera homenagem são: Henrique Alves Casquilho; Armando Alfaia Gouveia; João de Figueiredo; Óscar Mário de Sousa e António Joaquim Ribeiro e se não os citámos não foi por os têrmos esquecido de todo, mas por ser nossa intenção focar em especial aquêles que mais de perto acompanham o movimento ou nêle actuam pelo menos segundo o nosso conhecimento. Não nos repugna agradecer ao nosso amável anónimo tão agradável confirmação que, a deduzir pelo que nos diz, conhece muito melhor que nós cenas tristes e alegres as quais por terem sido «assim mesmo» ficariam aqui muito bem. Porém, enquanto não chegam, dêle ou de qualquer outro descrições de cenas escotistas que mereçam vir a público para engrandecimento do escotismo, em complemento passa-

(Continua na 2.ª coluna da 2.ª página)

O "SEMPRE PRONTO" *deseja a todos os assinantes, colaboradores, anunciantes e amigos, umas Festas de Natal muito felizes.*

A Restauração de Portugal!

(Continuação da 1.ª página)

Por tôda a parte os espiões faziam das suas, dia a dia chegavam as notícias mais desoladoras e trágicas. Portugal estava sendo saqueado quer no continente, quer nas ilhas adjacentes, no Brasil e mais colónias.

Ia-se perdendo aos poucos o que com tanto heroísmo, com tanto valor patriótico e tanto sacrifício de vidas e de haveres se tinha descoberto e civilizado. A bandeira portuguesa já não se impunha ao respeito de ninguém. Todos chacoteavam dela e dos portugueses.

E o povo, o pobre povo, êsse, chorava baixinho as suas mágoas, aguardava a hora feliz de poder escorraçar para sempre o usurpador e os seus satélites.

Em tôdas as terras portuguesas, os patriotas se juntavam secretamente, e invocando o santo nome de Deus, prestavam juramento de fidelidade à Santa Causa da Libertação da Pátria.

Através de todos os perigos, de tôdas as traições, o Povo Lusíada um povo pequeno em número, mas incomensuràvelmente grande pelo seu patriotismo — mostrava o seu enorme desdém, o seu profundo desprêzo pelos oferecimentos hipócritas do usurpador, logo a seguir transformados nas mais terríveis ameaças. Velhos, mulheres e crianças, gente de tôdas as classes e idades, aproveitavam todos os pretextos para demonstrarem a sua viva esperança na libertação da Pátria.

Um misticismo enorme e bem necessário, dava alento ao Povo para esperar por essa bendita hora.

E se é verdade que tivemos homens do quilate de Cristóvão de Moura, o fidalgo traidor que negociou com Filipe II o pagamento aos traidores, e o Bispo de Leiria António Pinheiro, um dos maiores propagandistas a favor da Espanha; devemo-nos lembrar de que tivemos, também, homens da rija têmpera de António Pires e de Martim Fernandes, dois operários, o primeiro sapateiro e o segundo oleiro, que como representantes do Povo tanto se bateram pela não entrega de Portugal aos espanhóis; um fidalgo, D. Febo Moniz, que deu um dos mais lindos exemplos de fé patriótica, esforçando-se por provar, como provou, perante êsse rei pusilânime, a razão que assistia a Portugal inteiro em não aceitar o jugo estrangeiro sempre abominável; e mais tarde o Juiz Cicioso, que no julgamento de uns portugueses acusados de pretenderem correr com os espanhóis do sagrado solo de Portugal, teve a coragem moral de dizer na sua sentença que «pretender libertar a Pátria não é crime, antes pelo contrário é uma das maiores virtudes cívicas», absolvendo os réus, do que lhe resultou as maiores perseguições.

É incontável o número de portugueses dignos de menção pela sua honrada atitude durante êsses infindáveis 60 anos de horroroso cativeiro! Na altura própria todos deram o seu contributo, todos mostraram o seu fervor patriótico, fidalgos, plebeus, religiosos, mulheres e crianças, todos se uniram para a libertação da Pátria.

Poderemos nós esquecer os nomes dos 40 conjurados que arriscaram tudo nessa manhã gloriosíssima de 1 de Dezembro de 1640? Poderemos nós esquecer a atitude bem portuguesa de D. Filipa de Vilhena e de D. Mariana de Lencastre armando seus filhos cavaleiros e ordenando-lhes que fôssem combater pela Pátria e não voltassem com vida se a Pátria se perdesse?

Nessa manhã de 1 de Dezembro de 1640, depois de uma noite de vigília e oração, os patriotas comprometidos na conjura em Lisboa, desferiram êsse arriscado golpe.

Deus estava por nós, e o milagre há tanto tempo esperado, realizou-se. Depois de mortos o miserável Miguel de Vasconcelos e os seus auxiliares mais próximos, o bravo D. Miguel de Almeida, um velho fidalgo que contagiava os novos de uma mocidade eterna e bem corajosa, gritou de uma das janelas do Paço da Ribeira: Liberdade Portugueses! Viva! Viva El-rei D. João IV!

O Povo correspondeu delirantemente a êsses vivas, e depois de dar graças a Deus, completou a Obra.

Portugal jamais deveria cair em mãos estrangeiras!

Portugal teria e tem de ser eternamente livre!

Como velho soldado, já no fim da vida, sinto-me feliz ao descrever a traços largos aos Escoteiros de Portugal um dos mais lindos feitos históricos das nossas gentes, manifestando pùblicamente a doce certeza de que os Escoteiros Portugueses serão os continuadores da Obra formidável e encantadora iniciada por D. Afonso Henriques e que todos esperamos seja eterna: Portugal Livre, Grande e Independente.

Lisboa, fins de Novembro de 1945

ANTÓNIO GOMES ROCHA

Foi assim mesmo...

(Continuação da 1.ª página)

mos a expor outra que também «foi assim mesmo».

.....

Dez anos depois. Surge o 7 de Fevereiro de 1927, data a manchar de sangue uma vez mais a História do nosso país. As mesmas paixões, os mesmos ódios eviternos, conseqüentemente as mesmas lutas com os mesmos cenários. A ligar o trágico desta data ao movimento escotista português, está um nome que à falta de ser eternizado já no baptismo dos trofeus a disputar entre patrulhas, à falta de estar a encimar nas salas dos Grupos, devia pelo menos ser evocado, para não ser esquecido, em «fogos de conselho».

Manuel Bettencourt! Dezasseis anos travêssos mas bons, constituíam o enlêvo e esperança daquele lar onde havia piedade e amor para com o próximo. Quis ser escoteiro e ingressou no «DOIS», então na Escola de Rodrigues Sampaio. Rejubilaram os pais pelo caminho enveredado pelo ente querido até que a revolução, mais eversora do que as outras, veio pôr têrmo à felicidade de muitos lares e de mais aquêle, pagando com a palma do martírio, a abnegação e o sacrifício pelo próximo.

O pai, o Dr. Bettencourt, para quem o altruísmo não era palavra vã, para quem a profissão de médico era verdadeiro sacerdócio, montara um pôsto de socorros para onde eram transportados os feridos encontrados no caminho percorrido pelo filho, aquêle pequeno escoteiro de dezasseis anos que, empoleirado numa ambulância, empunhava uma bandeira da Cruz Vermelha. Numa das viagens ao pôsto, a mãe, ao ouvir os elogios feitos ao filho pelos que o acompanhavam não se conteve, depois de o beijar, em lhe recomendar cuidado. Senhor de si, pequeno, mas cônscio da sua missão, sem titubear, respondeu: «Não tenhas mêdo, mamã! As balas sabem que eu ando lá para salvar irmãos!» E à ordem de marchar dada pelo chefe da ambulância, lá se foi de novo, mais abnegado, mais resoluto, indiferente ao perigo que sôbre a sua cabeça adejava, julgando-se homem no tamanho por já o ser nas acções, julgando-se na sua inocência invulnerável às balas. Na rua do Arsenal a luta mais renhida não afrouxou com a chegada do carro da Cruz Vermelha, onde tremulava a bandeira simbólica empunhada por Manuel de Bettencourt que num momento salta do carro lesto como um gamo para de rastos ir buscar um ferido levando-o, multiplicadas as suas fôrças, para a ambulância. Lá seguiu o carro e êle, de pé, a prescutar o caminho à procura de mais feridos, expunha-se às balas quando a voz do chefe do carro lhe gritou que se deitasse. Sem titubear como momentos antes acontecera ante a mãe, foi pronta a resposta: «Não estou aqui para me deitar! Estou aqui para levantar feridos!» Pobre criança cujo fim estava marcado pelo Destino!

Uma bala traiçoeira, surda a tais palavras, cega a tais acções, pagou com a Morte o sacrifício da Vida daquele inocente escoteiro que, cumprindo a sua Lei, procurou, tão tenro ainda, ser útil ao seu semelhante praticando o Bem.

FAUSTINO LEITÃO

A reorganização do Grupo n.º 59 de Tavira

Os nossos camaradas do Algarve estão decididamente, dispostos a fazer ressurgir o Escotismo naquela província, lançando um repto às restantes Regiões do País e disputando ao Norte a vanguarda do Movimento. Ainda não tinha arrefecido o entusiasmo das festas realizadas em 7 de Outubro e já em 28 do mesmo mês os Grupos 6, 60, 77 e as Secções da D. A. F. de Olhão e Vila Real se concentravam em Tavira para festejar a reorganização do Grupo n.º 59 daquela cidade, festas que se revestiram de grandiosidade que nem o mau tempo conseguiu impedir. O «*Sempre Pronto*» associou-se às festas com a presença do seu Administrador, o nosso camarada Capitolino Ferreira de Macedo, colaborando na obra de propaganda por uma profusa distribuïção de jornais.

A falta de espaço impede-nos de dar o relêvo que o acontecimento merecia, mas em resumo diremos:

Às 10 horas da manhã chegaram a Tavira os Grupos 6 e 77, e a Secção da D. A. F. de Olhão. Concentrados no largo da estação já se encontravam o Grupo 60 e a Secção da D. A. F. de Vila Real e os aspirantes do Grupo 59 de Tavira. Organizou-se o desfile com uma centena de elementos que percorreu as ruas da cidade, perante a curiosidade da população. Findo êste os grupos procederam à montagem no Campo da Atalaia dum acampamento modêlo.

Às 14 horas, novamente se organizou a formatura que se dirigiu ao Monumento dos Mortos da Grande Guerra, onde foi colocado um ramo de flores e prestada homenagem aos heróicos combatentes portugueses. O nosso amigo Manuel Leiria do Grupo 6 usou então da palavra e numa brilhante alocução definiu perante a assistência, cêrca de 400 pessoas, o significado do acto e os objectivos do Escotismo.

Finda esta cerimónia os escoteiros dirigiram-se aos Paços do Concelho onde apresentaram cumprimentos ao Sr. Presidente da Câmara.

À tarde, no acampamento, realizou-se uma festa escotista nos mesmos moldes da realizada em Olhão em 7 de Outubro p. p. e um simulacro de *fogo de conselho*. Já noite os Grupos destroçaram e retiraram-se para as suas terras.

• • o • •

PUBLICAÇÕES

Temos o prazer de acusar a recepção dum exemplar do livro de Adam Pragier **«Objectivos de Paz da Polónia»**, gentil oferta do Sr. Dr. Adam Zielinski.

É uma obra traduzida pelo Sr. Guilherme Ayala Monteiro, numa linguagem clara, cuja leitura proporciona uma noção exacta do panorama político da Europa, de antes e depois da guerra, definindo os objectivos de paz da nação polaca.

Oferecido, igualmente, pelo Sr. Dr. A. Zielinski, recebemos o opúsculo **«O Levante de Varsóvia»**, de Ubaldo Soares, editado no Rio de Janeiro. De excelente aspecto gráfico e muito ilustrado, foi-nos grato ler a citação de que os escoteiros polacos cumpriram o seu dever naqueles trágicos dias de 1944.

Também a revista brasileira **«O Pensamento da Polónia Católica»**, de que recebemos dois exemplares, se refere ao trabalho dos escoteiros naqueles graves acontecimentos, que tomaram a seu cargo, com sacrifício das suas vidas, todos os serviços de correio, saúde e outros.

Agradeçemos, reconhecidos, estas ofertas.

Êste número foi visado pela Comissão de Censura.

Em visita ao Algarve, o "SEMPRE PRONTO„ entrevista o Sr. Francisco Militão dos Santos, dedicado Chefe do Grupo n.º 6 de Olhão

O «*Sempre Pronto*» vem acompanhando com vivo interêsse a actividade do Escotismo no Algarve, representado pelos Grupos n.os 6 de Olhão; 60, de Vila Real de Santo António e 77, de Faro. Estando de visita à ridente província algarvia, na minha qualidade de membro do corpo directivo do jornal, não podia deixar de falar em Escotismo com os dirigentes escotistas algarvios.

Procurei, pois, o Chefe do grupo mais antigo, o nosso camarada Francisco Militão dos Santos, do «seis de Olhão». O momento era propício para tratar do assunto. Os referidos três grupos, vencendo as distâncias que os separam e o próprio tempo que se apresentava agreste e chuvoso, estavam em Tavira, neste dia 28 de Outubro, no elevado intuito de fazer ressurgir o grupo dos escoteiros daquela cidade. No ambiente simples do acampamento modêlo montado no Campo da Atalaia, à bôca de uma tenda, meti conversa com o amigo Militão e disse-lhe à *queima-roupa*:

— O Chefe podia confiar aos leitores do meu jornal os projectos e programa dos dirigentes do escotismo algarvio, tanto mais que sei que têm tido reüniões para tratar de planos de trabalho.

O Chefe do 6, como escoteiro, sorri à dificuldade e, sem hesitação, responde:

— Sim, é certo que eu, o Campinas, o Martins e os nossos mais directos colaboradores, temos tido oportunidade de trocar impressões sôbre planos de trabalho e o Movimento no Algarve tem tirado bom proveito dessas úteis conversas. Não temos perdido ocasião de colaborar entre nós. Assim temos reünido ora em Vila Real, ora em Faro, ora em Olhão, dando alma às nossas festas e juntando bons efectivos. Não necessitarei de fazer maior referência ao que temos realizado, visto que o «*Sempre Pronto*» tem tido a amabilidade de publicar essas actividades.

— E o que tencionam fazer? Atalhei.

— Olhe, aqui estamos hoje a dar vida ao «59». Temos as melhores esperanças e como vê já tem 14 aspirantes. Estando relativamente perto de Olhão, dispomo-nos a dar o melhor esfôrço para que o «59» ressurja.

E continuando:

— O «60» tem agora sede própria e dedica-se afanosamente à sua adaptação; é um grupo com boa actividade.

«Pensamos em constituir em Olhão, uma Alcateia de lobitos. Temos o assunto em estudo, de maneira que é ainda cedo para fazer vaticínios. Em Janeiro vamos comemorar o aniversário do meu grupo. Preparamos o programa e novamente teremos o prazer de receber a visita do 60, do 77 e... desta vez do 59».

«Mais coisas poderia dizer, mas tanto eu, como os meus camaradas, preferimos trabalhar e depois falar».

— E pensam em reorganizar mais algum dos grupos inactivos? Preguntei.

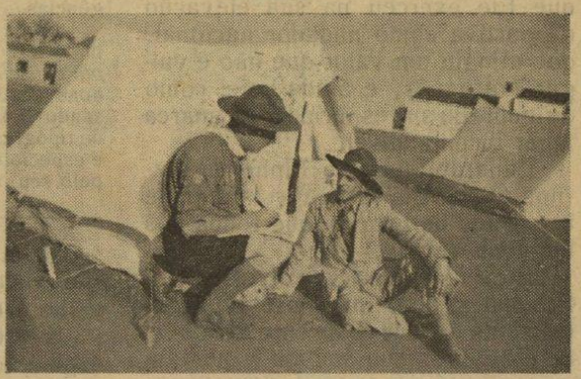
— O desejo dos dirigentes algarvios é que tôdas as unidades inactivas voltem a funcionar. Não queremos culpar ninguém da decadência sofrida pelo escotismo nesta província, mas os Serviços Centrais têm grandes responsabilidades. Durante muito tempo estivemos isolados, não recebíamos uma ordem de serviço, um comunicado. Não existia o «*Sempre Pronto*» de maneira que não tínhamos notícias do Movimento. Não admira, pois, que o desânimo tivesse invadido alguns grupos que quási morreram. Após o Grupo de Tavira, pensamos no «64» de Portimão. Não temos ainda dirigente e não sabemos se o nosso camarada Sr. Humberto Martins terá possibilidade de se dedicar ao Grupo, em todo o caso contamos com a sua valiosa colaboração para tal fim.

— E não haverá necessidade de um dirigente regional com a missão de coordenar e estimular a actividade de todos os grupos da Região?

— Achamos realmente necessário, mas de momento sente-se a deficiência dos Serviços Centrais para a resolução dos nossos problemas colectivos. Tivesse havido sempre um Chefe Regional zeloso e não teríamos de lamentar a paralização de tantos dos nossos Grupos.

— Mas voltemos ao Grupo 6. Sugeri.

— No «6», graças a um bom grupo de colaboradores entre os quais destaco os amigos Manuel Leiria e Francisco Pina, estamos realizando um trabalho importante. A Biblioteca foi uma iniciativa feliz. Como viu alugámos uma casa para êsses serviços onde dispomos de salas de leitura, gabinete da direcção, sala para a Secção da D. A. F. e ainda uma sala para aulas. Contamos já uma existência de mais de 1.200 volumes, e a média diária de leitores tem sido de 39. Note é um serviço público! Freqüenta a Biblioteca quem quere, sem que lhe seja pedida qualquer retribuïção.



O nosso colega de trabalho entrevistando o Chefe Militão dos Santos

Ia realizar-se o desfile pelas ruas de Tavira, o tempo escasseava, e a improvisada entrevista tinha de terminar. Foi já a caminhar para a concentração que lancei a última pregunta.

— E o «*Sempre Pronto*» terá contribuído nalguma coisa para a maior difusão do Escotismo no Algarve?

— Sem dúvida! O jornal tem interessado bastante e serve para nos dar a conhecer o que se faz noutras Regiões e, ao mesmo tempo, leva aos nossos camaradas de todo o país a notícia das nossas actividades. O «*Sempre Pronto*» conta com a minha simpatia e, posso afirmar, com a simpatia de todos os escoteiros do Algarve. Não desanimem porque o vosso trabalho é muito útil.

Daí a momentos desfilava uma centena de escoteiros a comprovar que, de facto, se está trabalhando pelo engrandecimento do Escotismo no Algarve.

CAPITOLINO FERREIRA MACEDO

• • o • •

Grupos n.os 2 e 53

O «Sempre Pronto», saúda os Grupos n.os 2 e 53 pelos seus aniversários, com os melhores votos de novas prosperidades e «boa caça».

O Grupo n.º 2 no seu 33.º aniversário

Saüdação do Grupo n.º 2

Cumpre-me, por dever do cargo que neste momento ocupo, transmitir a todos os antigos escoteiros do Grupo n.º 2, as sinceras saüdações, os agradecimentos justíssimos, dos actuais escoteiros, que só às virtudes de trabalho dos seus «antepassados escotistas» devem, o pertencer-lhes comemorar hoje, o 33.º aniversário de ininterrupta actividade do Velho DOIS.

Sou um novo. Apenas treze anos de trabalho me separam do inesquecível momento em que, junto à sagrada fogueira do «Fogo de Conselho» prestei o meu Compromisso de Honra, portanto, deixo a mais «velhos» e autorizados o encargo de vos falarem do «2» antigo.

Assim, Luís Alves Miguel, velho escoteiro de 1914, vos dirá o que era o Grupo nesse tempo e a influência que Êle exerceu na sua elevação desportiva como nadador nacional, que atingiu um valor que não é vulgar entre nós, e ainda hoje, como dirigente da sua especialidade, marca lugar inconfundível.

Eduardo Quintino Pinheiro, diz-nos (*) da sua justiça com aquêle à vontade de palavra que todos nós lhe conhecemos.

E eu teria para vos dizer, as dificuldades com que hoje lutamos, com falta de uma Sede em condições, de escoteiros que saibam e queiram manter o fogo sagrado, enquanto melhores dias não chegam. Mas não é oportuno fazê-lo, porque o momento é de festa e não de queixumes.

São 33 anos que passaram e... a todos nós, antigos e modernos, pertencem. Compete-nos, porém, a nós, escoteiros de hoje, procurar manter as bases que permitiram ao Grupo vivê-los, e com a ajuda de todos continuá-los.

Não é nosso hábito, nem está nas nossas normas, apelar para os bons corações e para os sacrifícios colectivos mas, se os antigos escoteiros do Grupo n.º 2, dentro das possibilidades de cada um, estivessem dispostos a reünirem-se e ajudar o Grupo, nós poderíamos, de facto, dar um grande passo em frente e, acompanhar o momento que abre novos horizontes ao Escotismo em Portugal, à semelhança do que está acontecendo em todo o Mundo.

O Grupo precisa de uma Comissão de Patrocínio e, ninguém melhor do que os antigos escoteiros a poderá compor.

O Grupo precisa de uma Sede e, talvez, que de entre os antigos escoteiros ela possa surgir.

(*) Artigo a publicar no próximo número.

ESCOTEIROS DO GRUPO N.º 2

Convidado a dizer algumas palavras a propósito do 33.º aniversário do Grupo n.º 2, com tão grande fôlha de serviços prestada à causa do Escotismo em Portugal, devo dizer que a nossa divisa *Sempre pronto* mais uma vez entrou em acção.

Como um dos mais antigos escoteiros do «2», vou descrever-lhes, em síntese, como evoluíram no meu espírito adolescente os métodos do escotismo, na minha vida desportista de nadador nacional.

* * *

Em 1914, há 31 anos, como já vai longe e que gratas recordações! A sede do Grupo n.º 2 era numa dependência da Academia de Estudos Livres, na pacata e velha Rua da Emenda, tendo uma bela cêrca onde praticávamos todos os exercícios ao ar livre. Era Escoteiro-Chefe Honorário o Sr. Comandante Melo Machado, a quem o «2» deveu tantos benefícios recebidos então e talvez futuros. O Escoteiro-Chefe em exercício era Abílio dos Santos, um nome que não deve ser esquecido, pela sua grande dedicação ao Grupo em tôdas as emergências.

Fazia de Sub-Chefe o Guia de Patrulha «Cão», a n.º 1, o Manuel da Costa, o *pai conselheiro*, o ajuïzado rapaz, cheio de boas acções, o escoteiro exemplar, pois sendo de família modesta e sendo ajudante de tipógrafo, todos os escoteiros do Grupo, e especialmente da patrulha, o admiravam pelo seu porte e exemplo, e procurávamos dentro do possível imitá-lo em todo os seus actos.

O Sub-guia da mesma patrulha era o autor desta auto-recordação. Rapaz dotado de boa constituïção física, que procurava por todos os meios desenvolver, um tanto fogoso e génio rebelde, o que valia ser várias vezes chamado à ordem para corrigir êsse defeito, mas a minha vivacidade e sempre pronto a dar tudo por tudo, valeu-me receber vários louvores, elogios e ganhar até alguns prémios numa concentração no liceu de Pedro Nunes, sede do Grupo n.º 3, numa tarde pardacenta de Outubro, onde se disputaram várias provas desportivas, tendo ganho como representante do meu Grupo o 1.º lugar na prova de obstáculos e 1.º prémio de box e «Flor de Lis», modalidades estas para as quais é necessária uma resistência física bem ordenada.

Mas vamos ao assunto principal:

O Clube Naval de Lisboa, um dos mais antigos de Portugal, para desenvolver o gôsto pela natação, pôs à disposição dos Grupos de Escoteiros as suas classes da especialidade, para as quais se podiam inscrever todos os escoteiros. Os cursos realizavam-se numa antiga jangada no Cais do Gás, sendo o professor de cinto o malogrado Carlos Moura, que como oficial morreu na Grande Guerra, e professor de aperfeiçoamento Ryder da Costa. Fui um dos muitos que se inscreveram, embora já flutuasse e nadasse, mas sem método e movimentos desencontrados, não conseguia nadar mais de 10 a 20 metros, e com muito muito custo e dificuldade. Dei as primeiras lições de cinto e passei ao curso de aperfeiçoamento, onde o referido instrutor e Arnaldo Stockler me ministraram os princípios do estilo «trudgeon», no qual fiz grandes progressos, fazendo já 100, 200 a 500 metros sem fadiga, tendo obtido a insígnia de nadador e fui dado como pronto.

Tendo criado grande entusiasmo por esta modalidade, solicitei ao Grupo autorização para freqüentar por mais tempo as aulas, no que fui atendido. Mais tarde (em fins de 1916) mudei-me para o Bom-Sucesso onde prossegui na Praia da Tôrre no meu desporto favorito. Em 1918 entrei para um clube da especialidade e assim iniciei a minha carreira de nadador, entrando em várias provas de meio fundo, fundo e grande fundo, para as quais são precisas bastas qualidades, tais como: físico, persistência, paciência e fôrça de vontade para controlar dominar todos os revezes que surgirem durante as provas. Fiz parte de tôdas as equipas e individual nas travessias de Lisboa, Pôrto, Figueira, Viana, Faro, Funchal; representei Portugal nas travessias de Paris, fazendo demonstrações em quási tôdas as praias do país.

Sinto orgulho em afirmar que se não tivessem sido os sãos princípios do Escotismo e não tivesse adquirido os seus ensinamentos e mandamentos, jamais, proclamo aqui bem alto, o meu nome teria vincado a minha passagem nos meios desportivos.

LUÍS ALVES MIGUEL

O Grupo precisa aumentar as suas receitas, porque o material envelhece e precisa de ser substituído.

São êstes os problemas que nós esperamos, os antigos escoteiros nos ajudem a solucionar.

Aos actuais escoteiros só me cumpre, em letra de fôrma, repetir-lhes o que de viva voz, bastas vezes lhes tenho dito, isto é:

Procure cada um cumprir o seu lema de escoteiro: «Sempre Pronto» e o Grupo continuará singrando no seu «Sempre sorrindo às dificuldades».

Aproveitarei estas breves linhas para dirigir em nome do Grupo n.º 2, as saüdações e parabéns ao Grupo n.º 53, que hoje comemora o seu 12.º aniversário. São as saüdações dum irmão mais velho, já chefe de família, ao seu jovem irmão, muito justamente, considerado uma das jóias do Movimento.

Ao «*Sempre Pronto*» e ao seu Director, manifestamos o nosso agradecimento pelo gentil acolhimento que sempre nos têm dado e, que neste número especial, vincam definitivamente.

Finalmente, a todos os escoteiros de Portugal, no Continente, Ilhas e Colónias, escoteiros de ontem e de hoje, deseja o Grupo n.º 2 «Boa Caça», através do vosso «*Sempre Pronto*».

MANUEL DE SÁ VIANA
Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 2

Programa das festas comemorativas do aniversário do Grupo n.º 2

Dia 1 — Chá de confraternização dos actuais escoteiros.
» 2 — Almôço de confraternização dos antigos e actuais escoteiros.
» 9 — Missa por alma dos escoteiros falecidos.
Romagem às campas.
» 16 — Jogos Desportivos-Escotistas.
» 23 — Bodo a 33 pobres.
» 30 — Festa de encerramento.

O Grupo n.º 53 no seu 12.º aniversário

Vida e actividade do 53

Descrever pormenorizadamente a vida e actividade do 53 seria assunto um pouco difícil para mim, e obrigar-me-ia a preencher várias colunas dêste jornal, por isso apenas cito alguns factos compreendidos entre a sua fundação e a data presente.

Hoje, 1 de Dezembro de 1945, completa êste Grupo o 12.º ano da sua fundação. É certo que 12 anos é pouco ou nada, comparado com a existência do Escotismo (1908), mas manter um grupo de escoteiros durante êste tempo, já representa um bom prazo de persistência e árduos trabalhos para chegarmos até aqui com a mesma vitalidade e entusiasmo com que começámos. E, se assim o conseguimos, devemo-lo a alguns bons elementos que têm dirigido êste Grupo, os quais vincaram bem as suas pisadas para que fôssem seguidas por todos os seus sucessores. Tem sido a vida dêste Grupo cheia de dificuldades e tribulações a ponto de quási quebrarem o entusiasmo de que somos tocados no seu prosseguimento. Ser-se dirigente de um grupo de escoteiros talvez pareça à primeira vista um cargo fácil de desempenhar, mas, na prática, vemos quão difícil é e cheio de contratempos, pois que educar na formação moral e instruir na vida prática um punhado de rapazes de tôdas as condições sociais (pois assim são aquêles que pelo Movimento Escotista têm passado), não é cargo de pequena responsabilidade nem de pouco trabalho. Mas não quero fugir ao objectivo desta descrição.

Foi êste Grupo fundado no dia 1.º de Dezembro de 1933, depois de quási dois anos de preparação técnica e administrativa, tendo como seu primeiro dirigente o Escoteiro-Chefe Diplomado, Sr. David Baudouin, outros se seguiram neste cargo, sendo para alguns, êste Grupo devedor do seu desenvolvimento. Temos mantido mais ou menos o mesmo efectivo, e, em boa verdade se diga, alguns rapazes há que visível proveito têm tirado daquilo que aqui aprenderam, pois que os princípios de formação de carácter ministrados, só poderão ser apreciados no desenvolver da sua vida.

Actualmente contamos 18 escoteiros, divididos por 3 patrulhas (embora já passassem pelas nossas fileiras 146), dos quais 5 já têm mais de cinco anos de actividade.

Não quero ir buscar dados estatísticos, mas posso dizer que o 53, desde a sua fundação, tem pôsto em prática todo o método criado pelo genial inspirador do Escotismo, Lord Baden Powell, embora muito haja ainda para aprender e cultivar.

ARMANDO GOMES LINO
Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 53

Continuïdade

Em Maio do corrente ano abandonei a chefia do Grupo n.º 53, em cujo cargo me conservei aproximadamente durante seis anos, para ir ocupar outro nos Serviços Centrais.

Porque só tenho por única ambição, servir o Movimento o melhor que puder e souber, e em qualquer cargo, devo confessar, não me ter ainda arrependido com tal troca, porquanto o tempo veio confirmar as previsões de então, isto é, de que o Grupo ficaria bem entregue aos seus actuais dirigentes, Armando Lino e Cláudio Merelo, escoteiros da sua fundação.

No entanto devo também afirmar em abono da verdade que, igualmente, me vai acompanhando uma progressiva saüdade pelo Grupo n.º 53, do qual reterei sempre as mais gratas recordações.

Durante êste curto período da minha vida escotista foi a idéia da *continuïdade* que em mim predominou, e tão feliz fui que, o problema, —primordial para a vida dum grupo, foi resolvido e bem, com a própria «prata da casa».

Agora que se abre uma nova era de perspectivas risonhas para o nosso Movimento e a azáfama é grande entre os nossos irmãos de além fronteiras, será para desejar que, os escoteiros do 53 prometam e tenham como mais instante objectivo, trabalhar com crescente entusiasmo e «espírito escotista» como sua valiosa contribuïção para a *continuïdade* do Grupo e do Movimento em geral.

Será assim a melhor forma de comemorarem a data duplamente festiva do 1.º de Dezembro.

HENRIQUE ALVES DE AZEVEDO
Adjunto Administrativo dos Serviços Centrais

Programa das Comemorações do 12.º aniversário do Grupo n.º 53

Dia 1 às 11 horas—Culto de Acção de Graças no Templo da Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo.
» 15 » —Sessão solene (Palestra, leitura da Ordem de Serviço, entrega de insígnias e medalhas, leitura do relatório, etc.).
» 2 » 14 » —Almôço a 20 crianças pobres.

ESCOTEIROS DA BÍBLIA

A Bíblia contém a história de notabilíssimos escoteiros e eu gostaria de falar-vos de alguns dêles.

Mas ¿como pode isso ser—preguntareis vós—, sabendo-se que a Bíblia começou a ser escrita há cêrca de 3.500 anos e acabou de se escrever há 1.850, quando o Escotismo só se organizou no presente século?

Realmente nos tempos bíblicos não existia o Escotismo como organização, mas havia homens e rapazes que praticavam Escotismo na sua mais elevada expressão. Nesses heróis se inspirou, sem dúvida, Lord Baden Powell, que era um cristão evangélico e bom conhecedor da Bíblia, ao organizar êsse movimento de educação juvenil que tantas bênçãos tem trazido à mocidade de várias nações—o Escotismo.

Vejamos:

Abraão, o Patriarca de Israel, o «Amigo de Deus», jornadeando de terra para terra, armando, ora aqui ora mais além, a sua barraca ou tenda desmontável, fazendo vida ao ar livre, praticando a justiça, a paz e o amor, pronto, *sempre pronto*, a obedecer a Deus e ajudar os seus semelhantes com decisão e coragem ¿que outra coisa foi, senão um grande escoteiro?

José, o bisneto de Abraão, que, quando seu pai o chama para o mandar numa missão perigosa, responde pronto: «Eis-me aqui» que no Egito, como escravo, se porta com a maior honestidade e pureza moral, e, quando elevado a vice-rei, perdoa e auxilia a seus irmãos, que o tinham vendido ¿que outra coisa foi, senão um grande, um generoso Escoteiro?

Moisés, o grande Escoteiro-Chefe de Israel, que deixou as vantagens da côrte de Faraó para ir auxiliar o seu povo oprimido, que, por amor dêsse mesmo povo, teve de fugir para a Arábia e viver ali, como simples pastor de ovelhas, durante quatro anos, que se tornou o libertador e guia dos filhos de Israel, que soube amar, ensinar e sofrer, com paciência e humildade ¿que outra coisa foi, senão um grande Escoteiro?

Davide, o pastor corajoso, que, mesmo em rapazinho, pelejava com as feras para lhes arrebatar a presa; que se batia e derrotava, cheio de fé e patriotismo, o temido gigante Golias; que defendia a Pátria, perdoava aos seus inimigos, governava rectamente, como rei, o povo de Israel, e escrevia poesias repassadas de beleza e fé ¿que outra coisa foi, senão um grande Escoteiro?

Jesus Cristo, nosso Senhor e

SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA

Pionagem

É esta a melhor, se não das mais agradáveis actividades a que se pode entregar o escoteiro. Quantos que tenham lido Rudyard Kipling, Baden Powell, não terão sentido desejo de se verem transformados em heróis da selva... como os personagens que foram os favoritos das suas leituras. Mas, como tudo nesta vida tem uma finalidade e razão de ser, não podemos conceber tais personagens sem aquela dose de experiência e conhecimentos que são necessários a quem deseja praticar tal actividade. Neste caso estão aqueles que nos solicitam explicações sôbre pontes etc.

Como a construção de pontes é uma coisa que interessa à maioria dos escoteiros, continuamos neste número a publicação dos conhecimentos necessários para tal. Não obstante não vamos aconselhar a qualquer construir uma ponte sem os conhecimentos indispensáveis, como não o aconselhamos a empregar o nó de evasão, que todos sabem fazer, mas muitos não sabem empregar.

Para a construção de pontes, é preciso material diverso, mas como os escoteiros não pretendem realizar pontes de construção sólida, mas sim improvisadas, o material que cada um transporta, serve muitas vezes para resolver o problema.

Antes de tudo, temos que assegurar-nos da largura e profundidade do ribeiro a atravessar. Verificamos se é possível atravessá-lo a vau, o que muitas vezes é possível, que por outras palavras é atravessá lo com água até às coxas. Assegurar-nos também se do lado oposto existe árvore ou poste onde amarrar as espias de sustentação da ponte. É óbvio que só depois disto nos é possível escolher o modêlo de ponte a empregar.

Se no lado oposto existir árvore ou poste podemos construir o tipo Himalaia ou pênsil. Se tal não fôr possível teremos que recorrer às pontes de varas, de tripé e cavalete.

Quando o ribeiro a atravessar é estreito, basta que empreguemos duas ou quatro varas bem amarradas com a espia, servindo-nos esta de simples passadiço.

Quando a largura fôr demasiada trataremos de fazer tantos cavaletes, quantos necessários para abranger a largura do mesmo.

Cada cavalete deve ocupar sempre um têrço do comprimento duma vara para assim não têrmos que recear da solidez da ponte.

Os cavaletes são feitos com três ou quatro varas; três quando formarem um triângulo cuja vara do meio ocupa mais ou menos a metade das outras, com a configuração dum A grande. Quando se empregam quatro varas fica com a configuração dum H. Isto ao que se refere a cavaletes. O Estrado será feito de varas, tipo escada de corda, estrado ou passadiço.

O tipo escada, faz-se amarrando sòlidamente uma vara com duas espias ou de preferência dois cabos no espaço que ocupa um têrço da vara, ou seja dividimos a vara em três partes iguais e nas duas do meio é onde se amarra o cabo.

As varas devem distanciar entre si uns trinta centímetros pouco mais ou menos, porque se a distância fôr maior tornará a parte da ponte muito flexível e pouco sólida. Para amarrarmos as varas devemos empregar o nó de barqueiro, o qual não deixa deslisar a vara o que nos assegura bastante segurança.

Construído o leito da ponte, que é uma escada de corda e varas, apoiamo-lo a um, dois ou mais cavaletes que ficarão bem assentes no no leito do ribeiro, mas de forma que cada um fique na direcção do lado oposto.

Exemplo: Na margem direita o cavalete deve ficar com o seu tôpo na direcção da margem contrária e o do lado oposto, vice-versa.

Quando se empregam mais de dois cavaletes devem ser divididos de forma que o seu número seja igual para ambos os lados e a sua base de sustentação seja sólida.

Não é demasiado recomendar que esta operação seja feita assim porque caso contrário, o estrado abateria tanto que chegaria mesmo à água, o que decerto não pretendemos.

Cada cavalete deve ser colocado de forma que o puxe para o lado contrário daquêle onde está colocado. Isto é absolutamente indispensável.

Em artigo próximo prosseguiremos com a explicação de novos modelos de ponte.

CASTOR NEGRO

TRIBO DOS WABAGÁS

Mestre, o Filho de Deus e Filho de Davide, que veio, qual batedor de selvas (e «scout» significa isso mesmo), abrir-nos um caminho por entre a floresta emaranhada dêste mundo de pecado; que, antes de se apresentar como Mestre, *tirou a especialidade* (para usar linguagem escotista) *de carpinteiro*, que percorria os campos e as montanhas, tirando lições de tudo, que nos deu a Sua incomparável doutrina—o Evangelho—, que viveu por amor, e deu a Sua vida em sacrifício de expiação para nos remir do pecado ¿que outra coisa foi, senão o Perfeito Escoteiro?

S. Paulo, êsse grande apóstolo de Cristo, que percorreu o mundo para divulgar o Evangelho, que viajou com desconfôrto e perigos, por terra e mar, que afrontou perseguições, motins, e que, para prover ao seu sustento, fabricava tendas ¿que outra coisa foi, senão um grande Escoteiro?

Faltar-nos-ia, porém, o espaço, se pretendêssemos enumerar todos os personagens bíblicos em que se manifestou espírito genuïnamente escotista. Que êstes, porém, que apontei, vos sirvam, jovens Escoteiros, como modelos inspiradores da vossa conduta escotista: eis o que do coração deseja o vosso dedicado e SEMPRE PRONTO amigo

PINTO RIBEIRO

Culinária Campista

Torta de batata. Cortar às rodas batatas cozidas. Bater dois ovos nos quais se envolvem as rodas de batata juntamente com salsa e cebola picada, formando um pastelão, que se frita em azeite bem quente. Quando a torta aloirar dum lado, volta-se para aloirar do outro lado, findo isto está a torta acabada, pronta a ser servida, com azeitonas ou salada.

Pastéis de batata. Cozem-se batatas, amassando-as com farinha de trigo, juntando-se-lhe um ovo batido, salsa picada e sal. Com uma colher vai-se deitando uma porção de cada vez em azeite bem quente. Fritos estão prontos a serem servidos com salada de agriões, de alface ou tomate.

Plantas Medicinais

Beringelas É comestível. Em medicina o suco da beringela é empregado como diurético; com as fôlhas preparam-se cataplasmas emolientes contra as queimaduras, abcessos e manifestações na pele.

Cebola. É estomacal e facilita a expectoração. Cozida constitui um excelente resolutivo.

Cenoura. Vermífugo e refrigerante, tomada em decocção (3 a 4 cenouras por litro de leite, com duas colheres de mel) 2 a 4 copos por dia.

Problemas associativos

Cumpre-nos esclarecer os amigos que nos têm dirigido preguntas sôbre *Problemas associativos* que, de momento, suspendemos as apreciações sôbre êstes assuntos. Foi feita ao Sr. Presidente da A. E. P. uma exposição em nome do quási totalidade dos dirigentes da país, exposição que aguarda despacho, e, estamos certos, os altos interêsses do Escotismo Nacional vão ser considerados.

MACAU DISPENSOU O MELHOR ACOLHIMENTO AOS ESCOTEIROS CHINESES

Em «*O Século*», de 3 de Outubro último, lemos uma interessante local por onde tomámos conhecimento da hospitalidade que os nossos compatriotas de Macau dispensaram, nos dias sombrios da guerra, à mocidade chinesa.

Achámos particularmeuta interessante a informação de que cêrca de 30.000 estudantes de ambos os sexos se estabeleceram em Macau, onde se instalaram escolas completas, sobretudo de ensino secundário e superior.

«Todos fardados de escoteiros, de porte correcto, êstes rapazes levam muito a sério a sua vida de estudantes, praticam todos os desportos e amam o ar livre. E não fumam apesar de pertencerem a um país onde fumam homens e mulheres».

Pelo visto, os nossos camaradas chineses honraram o escotismo na terra que generosamente os acolheu.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suiço, R. Primeiro de Dezembro
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 46
Na Bôlsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

INCONFIDÊNCIAS

Penachos—A A. E. P. continua sem poder satisfazer encomendas de *penachos*. Já há bastantes anos que os mesmos elementos caminham para a Rua de S. Paulo à procura dos *penachos* sem que os consigam adquirir. Não compreendemos a razão porque se não mandam fazer *penachos* do modêlo tão procurado ou seja: Elegante, vistoso e de pouco trabalho. O *penacho* dos chefes não é elegante e é muito pesado.

BALCÃO ESCOTISTA

Jornal «Escotismo», edição de 1930. Compra-se. Resposta ao n.º 2.

Farda de Escoteira, completa, em estado novo, vende-se. Resposta ao n.º 3.

Chapéu de Escoteiro, em segunda mão, compra-se. Resposta ao n.º 4.

Nesta Secção publicamos gratuitamente anúncios de artigos de interêsse escotista, que nos sejam pedidos pelos nossos assinantes.

DE LUTO

Encontra-se de luto pelo falecimento de sua saüdosa mãe ,Sr.ª D. Benéfida S. Wiborg, o nosso estimado amigo e assinante Sr. Sigvald Wiborg, a quem enviamos sentidas condolências.

Notícias do Estrangeiro

No dia VJ, o Escoteiro-Chefe do Império Britânico e o Director do Bureau Internacional tiveram uma longa entrevista com o Marechal Montgomery, na qual foi estudada a possibilidade da introdução do Escotismo entre os rapazes alemães na zona de ocupação britânica.

Estabeleceram-se três princípios: 1.º Que se procedesse a um rigoroso estudo do assunto, antes de tomar resoluções definitivas. 2.º Que se formassem alguns grupos, sem chefia central. 3.º Que não se desse reconhecimento formal aos escoteiros alemães sem o acôrdo do Comité Internacional, depois de terem sido consultadas tôdas as Associações filiadas, de harmonia com o Regulamento.

O Director do Bureau comunicou à *Boy Scouts of America* e ao *Scoutisme Français* o resultado desta entrevista, na esperança de que possam ser aplicados princípios semelhantes nas zonas de ocupação americana e francesa.

(Do «Jamboree»)

Prof. Dr. Marcelo Caetano

No «Mousinho» chegou a Lisboa em 14 de Novembro findo, o Sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano que regressa da viagem ministerial às colónias. Ao nosso ilustre assinante apresentamos sinceros cumprimentos de *boas-vindas*.

AGÊNCIA UNIVERSO

PASSAGENS E PASSAPORTES



Habilitada oficialmente a vender passagens aéreas, marítimas e terrestres. Trata ràpidamente de passaportes e todos os documentos dos

VIAJANTES, TURISTAS e EMIGRANTES

para: EUROPA, BRASIL, VENEZUELA, AMÉRICA DO NORTE, ÁFRICA e mais países.

AGENTE OFICIAL
M. A. TAVARES J.OR

R. de S. Paulo, 9-1.º - Lisboa (Portugal) - Telef. 2 4790 - Teleg. «Agiverso»

M. Simões Jr. OFICINAS



Rua da Conceição, 46, 1.º
Telefone 2 1672
LISBOA

DIRECÇÃO TÉCNICA DE
QUINTINO PINHEIRO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES DE MÁQUINAS DE ESCREVER, CALCULAR E SOMAR, MANUAIS E ELÉCTRICAS, DUPLICADORES, ETC.

CONTRATOS DE LIMPEZA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Máquinas de escrever «HERMES», de calcular «MADAS», de somar «ADDO», duplicadores «PRINTA»

CASA ATLÂNTICA DE VIAGENS

AGENTE OFICIAL:
LEONEL GOMES COELHO



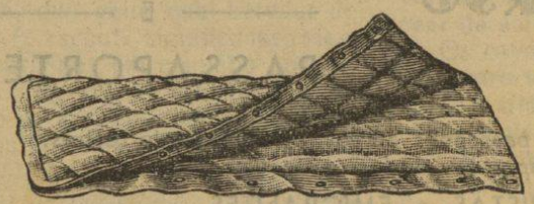
PASSAGENS E PASSAPORTES

Referências Comerciais: BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

///

Rua Capelo, 8 ● Telefone 2 9471 ● LISBOA

ESCOTEIROS E CAMPISTAS



Visitai a casa VICTORINO DE SOUSA, L.DA

onde encontrareis artigos do vosso desporto aos melhores preços

RUA DOS CORREEIROS, 200-202 / LISBOA

TELEFONE 27458

SELOS

TROCAS

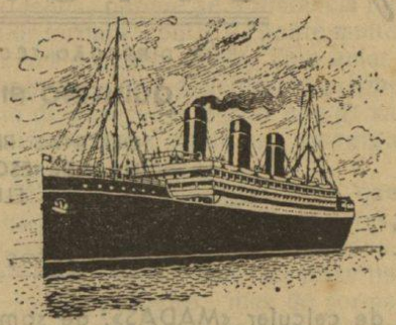
Por selos clássicos de todo o Mundo, damos séries completas novas de todos os países.

A. MOLDER

R. 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º / Telef. 2 1514

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE VIAGENS

Vende passagens em tôdas as classes para o RIO DE JANEIRO, SANTOS, BUENOS AIRES, AMÉRICA DO NORTE e AFRICAS PORTUGUESAS, PARA OS PRIMEIROS PAQUETES E AVIÕES, A SAIR, tratando igualmente de tôda a documentação necessária para passaportes de Viajantes, Imigrantes e Turistas.



BRASIL, AMÉRICA DO NORTE e VENEZUELA

AGENTE OFICIAL
Mário Antunes de Carvalho

Rua da Madalena, 152, 2.º E.
Telefone 21455
LISBOA